

Canção brasileira: popular, tradicional, erudita. Os quatorze artigos publicados neste número abordam as três vertentes da canção, seja estudando uma delas em particular, seja estudando relações entre essas vertentes. E, ainda que a maior parte dos pesquisadores esteja radicada na musicologia, o conjunto dos artigos tanto se abre para o diálogo com outras áreas quanto se volta para a crítica da sociedade brasileira. Assim, a *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* segue encarando o desafio de erigir-se em espaço aglutinador – mas não harmonizador – das fronteiras do conhecimento.

Sérgio de Freitas (Udesc) aborda a história do chamado acorde napolitano, desde a Europa do século XVII, e os seus efeitos, que permanecem atuantes em canções populares brasileiras do século XX. Mundicarmo Ferreti (UFMA) assinala interações profundas entre o canto, a dança e a Cura – “manifestação religiosa e terapêutica apresentada como de origem indígena, mas encontrada entre a população negra” do Maranhão. Paulo de Tarso Salles (USP) examina “Seresta n.º 9 (Abril)”, composta por Heitor Villa-Lobos a partir de poema de Ribeiro Couto, e discute suas ressonâncias em “Chovendo na roseira”, de Antonio Carlos Jobim. Gabriel Lima Rezende (Unila) e Rafael dos Santos (Unicamp) também se voltam para Jobim, e analisam a elaboração formal de “Bonita” a partir da produção de música popular no Brasil, de aspectos do romantismo e de relações entre ecologia e estética na obra do compositor.

Até aqui, tem-se já uma boa mostra da amplitude e do entrecruzamento de temas e de interesses. Esse caráter se intensificará ao longo do número. Eduardo de Lima Visconti (UFPE) interpreta como o samba “Roendo as unhas”, lançado por Paulinho da Viola em 1973, “parece introjetar uma ‘semântica da repressão’ em sua forma musical”. Nicholas Brown (UIC, EUA) discute “uma afinidade metodológica profunda entre a prática musical de Caetano Veloso, a partir de 1969”, e o trabalho de Bertolt Brecht e Kurt Weill, de 1928 a 1930. Por meio do exame de ensaios de Roberto Schwarz, notadamente de sua crítica da tropicália, Maria Elisa Cevasco (USP) descreve “algumas das peculiaridades do funcionamento do capitalismo global na periferia”. E fechando o bloco, por assim dizer, Carlos Augusto Bonifácio Leite (UFRGS) faz um balanço crítico das obras recentes de Chico Buarque e de Caetano Veloso, em cotejo com a estética de três trabalhos autorais também lançados recentemente – por Siba, Apanhador Só e Juçara Marçal, “novos cancionistas [que] acusam um mundo em ruína e propõem alternativas a essa desintegração”.

Os dois artigos seguintes têm por base o estudo da canção de tradição oral, mas também dão continuidade à análise da produção contemporânea de canções para o mercado. Elisângela de Jesus Santos

(CEFET) volta-se para o cururu paulista e busca “compreender as dinâmicas organizadas por cantadores e violeiros em diálogo com outras linguagens e meios de difusão artística – circo, rádio, cinema e música sertaneja no estilo das duplas”, além de atentar para relações entre o cururu e o *rap*. Já Eurides de Souza Santos (UFPB) aborda “a brincadeira dos cocos em Caiana dos Crioulos, uma comunidade remanescente dos quilombos, localizada no Estado da Paraíba”, discutindo apresentações em eventos, registros em CDs e, sobretudo, “o papel da memória social na construção e na manutenção de atividades culturais”.

A seguir, Clayton Vetromilla (Unirio) estuda canções de câmara de César Guerra-Peixe, na década de 1950, “quanto às fases estéticas e quanto ao gênero”. E destaca, em chave crítica, uma tendência que visava “conciliar elementos da tradição musical erudita europeia e da música popular e tradicional brasileira”. Lenine Santos (Unirio) registra as canções compostas por Benjamin Barreto da Silva Araújo, músico que teve importante atuação, embora ainda pouco estudada, no meio erudito e também no meio popular.

Com perspectivas diversas entre si, os dois artigos finais abordam relações entre a fala e o canto. Em viés ensaístico, Paulo Dias (Associação Cultural Cachuera!) aproxima aspectos do jongo, “tradição popular afro-brasileira com música, dança e poesia”, de práticas do *ondjango*, “conselho comunal do povo ovimbundo de Angola”. E Luiz Tatit (USP) analisa diferentes equilíbrios que os cancionistas alcançam na mistura da instabilidade da entoação, dos “recursos musicais de estabilização sonora” e dos andamentos, com o intuito de tornarem mais eficazes as suas produções para o mercado.

Três textos são publicados na seção Resenhas. Isabel Loureiro discute *O novo tempo do mundo*, de Paulo Arantes. Livia De Tommasi analisa *Vivendo no fogo cruzado*, de Maria Helena Moreira Alves e Philip Evanson. E Cláudia Turra Magni examina a “cartovideografia sociocultural” *Lá do Leste*, de Carolina Caffé e Rose Satiko Hikiji.

Documentação traz dois textos: um ensaio sobre *Clara Crocodilo*, de Arrigo Barnabé, escrito no calor da hora por Luiz Nazario; e um registro crítico de Lincoln Antonio sobre o trabalho do coletivo A Barca. Notícia publica texto de Ana Paula Simioni sobre *Culturas e Identidades Brasileiras*, programa interdisciplinar de mestrado do IEB.

Jaime Oliva, Paulo Iumatti e Walter Garcia
Editores

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2516-901X.v0i59p11-12>